

## SIMPÓSIO AT152

# O TESTE DE COMPREENSÃO EM LEITURA NO PISA: PERCEPÇÕES DE PROFESSORES BRASILEIROS E FRANCESES DA EDUCAÇÃO BÁSICA

Adilson Ribeiro de OLIVEIRA  
Instituto Federal Minas Gerais – Brasil  
[adilson.ribeiro@ifmg.edu.br](mailto:adilson.ribeiro@ifmg.edu.br)

Bertrand DAUNAY  
Université de Lille, Théodile-CIREL, França  
[bertrand.daunay@univ-lille.fr](mailto:bertrand.daunay@univ-lille.fr)

Daniel BART  
Université de Lille, Théodile-CIREL, França  
[daniel.bart@univ-lille.fr](mailto:daniel.bart@univ-lille.fr)

**Resumo:** Este trabalho objetiva confrontar ao discurso do PISA – que deseja passar como naturais, transparentes e não problemáticas as suas escolhas – o discurso de professores (do Brasil e da França) em suas percepções a respeito dessas escolhas à luz de sua experiência profissional. Tal objetivo apresenta um duplo interesse: por um lado, remover os efeitos da *conivência* que possibilita acatar como naturais e não problemáticas as escolhas do PISA, as quais são muito contingentes; por outro lado, mostrar a sua relativa proximidade com os princípios da escola, contrariando as afirmações constantemente reiteradas pelo Programa, que, desde a sua primeira edição, anuncia-se como distanciado do ambiente escolar para melhor alcançar a *autenticidade da vida real*. Os resultados das análises destacam a proximidade do PISA com as práticas escolares tradicionais; as incertezas relacionadas ao trabalho de avaliar a compreensão de um texto (literário); a ambiguidade do conteúdo da avaliação (relação entre ficção e realidade).

**Palavras-chave:** Compreensão; Didática; Avaliação; Leitura; PISA.

**Abstract:** This paper confronts the PISA discourse – which wishes to pass its choices as natural, transparent and non-problematic – to Brazilian and French teachers' discourses on their perceptions of these choices considering their professional experience. This presents a twofold interest: on the one hand, to remove the effects of *connivance* that allows the admission of the very contingent PISA choices as natural and non-problematic; on the other hand, to show a relative proximity of PISA to the principles of school, contradicting the statements constantly reiterated by the Program, which is presented, since its first edition, as distant from the school environment as for better achieve *real-life authenticity*. The results of the analysis highlight the proximity of PISA to traditional school practices, the uncertainties regarding the assessment of (literary) text comprehension, and the ambiguity of the evaluation contents (relation between fiction and reality).

**Keywords:** Assessment; Comprehension; Didactics; PISA; Reading.

## Introdução

Solicitar o julgamento experiente de professores para pôr em questão propostas teóricas e práticas do PISA (Programa Internacional de Avaliação de Estudantes) é um dos principais objetivos de uma pesquisa franco-brasileira em que se insere este trabalho<sup>1</sup>, o qual apresenta duplo interesse intercruzado: por um lado, remover efeitos da *convivência* que possibilita acatar como naturais e não problemáticas as escolhas do PISA, que são muito contingentes; por outro, mostrar uma proximidade relativa do PISA com princípios da escola, contrariando afirmações constantemente reiteradas pelo Programa, que, desde sua primeira edição, anuncia-se como distanciado do ambiente escolar para melhor alcançar a *autenticidade da vida real* (OCDE, 1999).

É nessa perspectiva comparatista do confronto de discursos sobre o mesmo tema que realizamos a análise de 33 entrevistas com professores brasileiros (19) e franceses (14): o que dizem os professores sobre o que o PISA apresenta como evidente? Esses professores foram convidados a aplicarem a seus alunos um exercício de leitura extraído do PISA (a unidade “Macondo”, construída a partir de um excerto de *Cem anos de solidão*, de Gabriel Garcia Marquez, e que foi utilizada pelo Programa inicialmente em sua edição de 2000), a corrigirem esse exercício de acordo com o guia do Programa e, depois, a concederem uma entrevista versando sobre suas impressões quanto ao teste, quanto às respostas dos alunos e quanto ao próprio guia de correção.

O princípio é bastante simples, mas ao mesmo tempo eficaz: interrogando professores a respeito de sua percepção sobre uma avaliação internacional da compreensão em leitura, destaca-se uma variedade de visões, o que pode explicar a diversidade de seus fundamentos didáticos. Ora, se essa diversidade não é um problema, sua negação pelo PISA não o é? De qualquer forma, é interessante mostrar, por outros meios que não os já adotados nas abordagens críticas sobre o Programa (Cf. PRAIS, 2003; GORUR, 2016; VOLANTE; 2017),

---

<sup>1</sup> Pesquisa denominada “Desafios interculturais das avaliações e das comparações internacionais em educação: olhares cruzados Brasil-França” e coordenada por pesquisadores da PUC Minas (Brasil) e da Universidade de Lille (França).

quantos efeitos de transparência do discurso do PISA (inclusive quando é especificamente questão de *discursos*, como no exercício que tomamos por apoio) encontram seus limites quando se deparam com a espessura do discurso dos atores envolvidos. Com base nesse princípio, apresentamos, nas seções seguintes, três dos mais significativos resultados da análise do *corpus*: a proximidade relativa do PISA com práticas escolares tradicionais; as incertezas relacionadas ao trabalho de avaliar a compreensão de um texto (literário); a ambiguidade do conteúdo da avaliação (relação entre ficção e realidade).

### **1. Uma afirmada familiaridade com exercícios do tipo “Macondo”**

Nas falas dos professores entrevistados, o que se destaca desde o início é a relativa proximidade que reconhecem em “Macondo”, quando comparam o exercício com práticas de ensino que conhecem ou quando respondem à pergunta que os questiona se tal exercício é relevante para um cenário de práticas futuras. Embora alguns se surpreendam com a dificuldade do extrato de *Cem Anos de Solidão*, todos demonstram certa familiaridade com esse tipo de exercício: assim, a unidade é considerada próxima à sua prática (9 brasileiros, 5 franceses); como prática corrente na disciplina (4 brasileiros, 9 franceses); ou como comum em manuais didáticos (4 brasileiros, 3 franceses). Se muitos professores do ensino médio (4 franceses e 7 brasileiros) afirmam que esse tipo de exercício está distante de suas práticas, os professores franceses o consideram, no entanto, mais característico do ensino fundamental.

Quando os professores são interrogados sobre os vínculos com sua própria prática ou princípios didáticos e pedagógicos, eles geralmente concordam com as perspectivas adotadas no exercício para avaliar a compreensão em leitura: é o caso de 6 dos 9 professores franceses e 12 dos 16 brasileiros que tratam da questão explicitamente. Em suas respostas, esses professores podem, portanto, dizer que reutilizariam em sua atividade atual o exercício que vivenciaram no decorrer da pesquisa, o que assinala a grande proximidade com o seu trabalho efetivo.

Além disso, quer se trate do próprio exercício, da peça escolhida ou do guia de correção, os professores reconhecem em "Macondo" uma prática comum das avaliações institucionais. Assim, todos os professores franceses entrevistados põem em relação a unidade do PISA com os exames CE2/6<sup>e</sup> ou 2<sup>nd</sup>e que existiram nos anos 1990 e 2000 na França, ou com os testes franceses nos exames nacionais do *Brevet*, do *Baccalauréat* ou, mais raramente, do *Brevet de Técnico Superior* (BTS, ensino superior).<sup>2</sup> Este também é o caso de alguns professores de Português no Brasil para quem "Macondo" lembra os testes de avaliação da educação básica (Prova Brasil), o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) e o vestibular.

O que ressalta imediatamente das observações dos professores é a identificação de uma proximidade do PISA com as práticas comuns da disciplina, mas especialmente com as formas de avaliação escolar mais institucionalizadas (provas de exames, testes nacionais). Tal fato conduz-nos a interrogar a constante afirmação deste Programa de se distinguir da escola para abordar a *vida real* e "tentar simular situações autênticas de leitura" (OCDE, 1999, p. 34; Cf. LOPES-ROSSI & PAULA, 2012). Na mesma direção, nada nas opiniões dos professores entrevistados remete à situação de leitura *pessoal* que seria supostamente construída para os alunos, em "Macondo", com base no fato de que tenha sido "escrito para despertar o interesse do leitor e lhe proporcionar prazer" (OCDE, 2012, p. 166): ao contrário, tudo parece assemelhar-se a uma tarefa de avaliação da compreensão que é típica das salas de aula de língua materna.

---

<sup>2</sup> Na França, o *Brevet* é um diploma do final do ensino fundamental; o *Baccalauréat* é um diploma do final do ensino médio, que permite ingressar no ensino superior; o *Brevet de technicien supérieur* (BTS) é um diploma profissional do ensino superior.

## 2. Incertezas: a avaliação de competências e a abordagem da compreensão

Embora a construção do teste "Macondo" e o funcionamento de seus códigos de correção não tenham surpreendido os professores, os princípios de execução da avaliação do PISA quanto às competências de leitura postos em prática geraram tensões muito marcantes em seus discursos.

Um primeiro elemento de discussão sobre a questão que pode ser levantado junto aos professores está assentado no entendimento do que seja a compreensão de um texto e como avaliá-la: no caso dos professores de francês, observam-se, entre 10 deles, por exemplo, interrogações quanto ao conteúdo textual que possa mostrar uma compreensão adequada do texto, quanto à possibilidade de classificar claramente os entendimentos dos alunos como corretos ou incorretos, quanto à dificuldade em lidar com a ambiguidade de algumas respostas; já entre 12 professores de português, foram levantados questionamentos sobre a escolha do texto, sobre a pertinência das questões para a avaliação e sobre as dificuldades encontradas com os códigos de correção do guia PISA.

Uma dentre outras dificuldades mencionadas por esses professores é a questão da mobilização de várias competências no mesmo exercício. Vários professores brasileiros (8) e franceses (6) relataram que uma unidade como "Macondo" põe em jogo diversas delas. De acordo com eles, nas questões abertas, a avaliação da leitura passa também pela produção escrita, envolvendo aspectos linguísticos ligados a competências que certamente podem ser isoladas, mas que são, de fato, inextricáveis, tanto na prática de linguagem comum quanto em seu ensino. Comentários que se enquadram em interrogações dessa natureza revelam representações sobre o trabalho do professor de língua materna: a avaliação da leitura não está dissociada da avaliação da escrita; o trabalho do professor deve ir além da verificação do entendimento e também levar em conta a capacidade de registrar esse entendimento por escrito; a avaliação e o ensino da língua são concretizados em um conjunto que articula compreensão e produção escrita.

Ainda nesse contexto, 7 professores de francês e 9 de português questionam o fato de o PISA ser capaz de avaliar a competência dos alunos para "interpretar textos escritos", como sugere sua definição de compreensão (OCDE, 1999, p. 15). De maneira geral, essas críticas dizem respeito ao fato de que as dimensões literária e estética do texto concernentes à interpretação parecem ter sido removidas da abordagem do PISA, tanto em sua definição de compreensão quanto na unidade "Macondo" e seu guia de correção. Em momento algum características do texto de Garcia Marquez, como seu tom alegre e jocoso, seu humor, seu discurso duplo, etc. são objeto de questionamento na unidade.

### 3. Conteúdos resistentes à evidência: a ficção e o real

Para além dessa tensão na conceituação da leitura e sua avaliação, a unidade "Macondo" também é discutida pelos professores no que se refere ao tratamento de outro componente típico do ensino da literatura: a relação entre ficção e real. Tal unidade objetiva avaliar a capacidade dos alunos de distinguir entre o universo ficcional e a realidade (OCDE, 2012, p. 169) por meio de uma *narrativa em abismo*:<sup>3</sup> o extrato descreve a reação dos habitantes da aldeia fictícia "Macondo" quando descobrem a ficção cinematográfica, reação essa que os estudantes devem analisar para dar sua própria perspectiva sobre a ficção. Vários professores (3 franceses, 4 brasileiros) sublinharam, no entanto, a confusão que o PISA realiza em diferentes passagens do guia de correção entre as noções de ficção, imaginário, real e realismo. Em uma descrição de resposta esperada que o PISA propõe para uma questão da unidade,<sup>4</sup> o guia tende, de fato, a opor o *realismo* e a *ficção*. Mas na literatura, como no cinema, o *realismo* advém justamente da *ficção*, que constrói a ilusão da realidade! Do ponto de vista literário, o *fictício* deve, portanto, ser oposto a *real* e não a *realismo*.

---

<sup>3</sup> Tradução mais comum para *mise en abyme*, expressão francesa utilizada na pintura, no cinema, na literatura. Na pintura, um exemplo seriam os quadros que possuem dentro de si uma cópia menor do próprio quadro. No cinema, quando as personagens acordam de um sonho quando ainda estão sonhando. Em literatura, é empregada para falar sobre narrativas que contêm outras narrativas dentro de si. Uma espécie de exercício/jogo meta-discursivo.

<sup>4</sup> *Você concorda com o julgamento final do povo de Macondo a respeito do cinema? Explique sua resposta comparando sua atitude em relação ao cinema com a deles.*

Ainda nesse quadro, segundo 5 professores de francês e 4 de português, essa mistura entre realismo e realidade ocorre também na confusão das questões e do guia de correção com as noções de *pessoa*, *personagem* e *ator*.<sup>5</sup> Diante desses problemas e da indubitabilidade posta pelo PISA a esse respeito, os questionamentos dos professores reforçam a complexidade dos conceitos envolvidos.

A falta de contextualização eficaz do trecho no exercício também é apontada por vários professores como elemento prejudicial à construção de seu sentido pelos alunos. Assim, a maioria dos professores (9 franceses, 10 brasileiros) insiste na natureza lacunar do paratexto de "Macondo". Alguns entrevistados observam, por exemplo, que, além do fato de o enunciado de apresentação do exercício, na tradição disciplinar, estar localizado antes do texto a ser lido, faltam as referências ao trabalho original. As limitações desse paratexto são mesmo suficientes para que 3 professores de francês tenham esquecido a existência do enunciado de apresentação do exercício no momento da entrevista; enunciado este que, *visitando* a questão do real e da ficção, esclarece que o texto a ser lido foi "extraído de um romance" e que os fatos se desenrolam "na cidade fictícia de Macondo" (OCDE, 2012, 166).

## Conclusão

Diante das análises e reflexões aqui empreendidas, constata-se o que poderia ser considerado uma forma de paradoxo: os professores entrevistados expressam uma familiaridade justamente com aquilo que o PISA evoca como diferença quanto às práticas comuns, enquanto a heterogeneidade e a dúvida parecem predominar exatamente com relação ao que o PISA enfatiza como unívoco e uniforme.

Talvez seja essa constatação o que nos parece o mais marcante em nosso *corpus* em relação à segurança certa e voluntária do discurso do PISA e seus princípios de padronização inquestionáveis. Em nenhuma parte da

---

<sup>5</sup> Como ocorre na questão *Quem são os seres imaginários referidos na última linha do texto?*.

literatura do Programa são mencionadas dificuldades como aquelas evocadas pelos professores entrevistados. Não há nem mesmo uma atitude que leve em consideração a heterogeneidade possível de pontos de vista (inclusive teóricos) sobre as questões tratadas. Ora, a avaliação de uma competência – e, sem dúvida, mais ainda, de uma competência de compreensão de um texto literário – não se enquadra na ilusão de transparência da codificação de avaliação do PISA. O que não é fácil, na verdade, fora de modelos estatísticos, é abandonar, enfim, o fato de que a leitura é uma prática linguageira (CHARTIER, 2007; OLIVEIRA, 2017).

## Referências

BART, D.; DAUNAY, B. **Pode-se levar a sério o PISA?** O tratamento do texto literário em uma avaliação internacional. Campinas: Mercado de Letras, 2018.

CHARTIER, A.-M. **L'école et la lecture obligatoire**. Paris : Retz, 2007.

GORUR, R. As “descrições finas” das análises secundárias do PISA, **Educação & Sociedade** (Campinas), vol. 37, n° 136, 647-668, 2016.

LOPES-ROSSI, M. A. G.; PAULA, O. de. As habilidades de leitura avaliadas pelo PISA e pela Prova Brasil: reflexões para subsidiar o trabalho do professor de Língua Portuguesa. **Fórum Linguístico**, 9/1, 34-46, 2012.

OCDE. **Mesurer les compétences et connaissances des élèves. Un nouveau cadre d'évaluation**. Paris: Éditions OCDE, 1999.

OCDE. **Mesurer les connaissances et les compétences des élèves. Lecture, mathématiques et science: l'évaluation de PISA 2000**. Paris, OCDE, PISA, 2000.

OCDE. **Le cadre d'évaluation de PISA 2009**. Paris: Éditions OCDE, 2012.

OECD. **PISA 2000 Technical Report, edited by Ray Adams & Margaret Wu**. Paris: OECD publishing, 2002.

OLIVEIRA, A. R. de. **Todo mundo só pensa naquilo**: representações como elemento constitutivo de competências de leitura. Curitiba: Appris, 2017.

PRAIS, S. J. Cautions on OECD's recent educational survey (PISA), **Oxford Review of Education**, vol. 29, n° 2, 139-163, 2003.

VOLANTE, L. (ed.) **The PISA effect on global educational governance**. London : Routledge, 2017.